

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E MODALIDADES ARGUMENTATIVAS EM TEXTOS GERADOS PELO CHATGPT

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND ARGUMENTATIVE MODALITIES IN TEXTS GENERATED BY CHATGPT

Franklin Oliveira Silva¹

Francisca Silveline Pereira da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a argumentação em textos elaborados com o auxílio do chatbot ChatGPT, utilizando as noções de modalidades argumentativas (Amossy, 2018) e de referência (Cavalcante et al., 2022). Metodologicamente, foi utilizado o corpus coletado por Silva e Silva (2024) na análise das redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) geradas pelo mesmo chatbot. A pesquisa revelou que a inteligência artificial generativa consegue imitar o protótipo argumentativo esperado para o gênero textual do ENEM. No entanto, o repertório vocabular apresentado é consideravelmente inferior ao que se espera de um candidato nesse contexto de produção. Este estudo destaca a capacidade do ChatGPT em reproduzir estruturas argumentativas complexas, mas também evidencia suas limitações em termos de riqueza lexical. Estes resultados sublinham a importância de um vocabulário robusto para a produção textual acadêmica e sugerem que, embora a IA possa ser uma ferramenta útil, ela ainda não substitui o domínio humano sobre a linguagem.

PALAVRAS-CHAVES: inteligência artificial generativa; modalidades argumentativas; referência.

ABSTRACT

This article aims to analyze the argumentation in texts prepared with the help of ChatGPT chatbot, using the notions of argumentative modalities (Amossy, 2018) and referencing (Cavalcante et al., 2022). Methodologically, the corpus collected by Silva e Silva (2024) was used in the analysis of the essays of the National High School Examination (ENEM) generated by the same chatbot. The research revealed that generative artificial intelligence can imitate the argumentative prototype expected for the textual genre of ENEM. However, the vocabulary presented is considerably less than what is expected of a candidate in this context. This study highlights the ability of ChatGPT to reproduce complex argumentative structures, but also highlights its limitations in terms of lexical richness. These results

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC -2013). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina-PI, e-mail: franklinoliveira@cchl.uespi.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4638-1043>

² Mestranda em Letras/Linguística e bolsista pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina-PI, e-mail: fransilveline@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0519-6316>

underline the importance of a robust vocabulary for academic text production and suggest that, although AI can be a useful tool, it does not replace human mastery over language.

KEYWORDS: generative artificial intelligence; argumentative modalities; referencing.

1. Considerações Iniciais

A discussão sobre o uso da inteligência artificial (doravante, IA) na elaboração de textos em todas as esferas da sociedade tem crescido, revelando um grande perigo causado pelo mau uso dessa tecnologia. Desde que foi apresentada ao mundo, em novembro de 2022 pela empresa OpenAI, a IA suscitou preocupações, especialmente no meio científico (Bates, *et al.*, 2020), por possibilitar a geração de textos sem qualquer esforço cognitivo, o que retira do ser humano o papel de autor do texto, deixando-o apenas como solicitante, senhor das máquinas. Essas máquinas, muitas vezes, são operadas de forma desleal para, entre outras coisas, otimizar o tempo e ganhar vantagem na corrida científica por publicações.

Há outros usos para esta tecnologia que vai além do meio acadêmico, abrangendo diversas áreas. Hoje é notória a aplicação de IA na composição de músicas, *jingles* publicitários, imagens, gráficos, automação de plataformas com algoritmos que influenciam a tomada de decisões por parte de seus usuários. Este cenário precisa ser amplamente debatido na comunidade científica, com a criação de regras para o bom uso das IAs. Nossa ideia não é demonizar o uso, mas refletir sobre o uso ético, responsável, em que essa tecnologia atue como co-piloto, ferramenta, não como autor do que é produzido.

Diversos exemplos mostram a utilização da IA como ferramenta de produção de textos variados, desde e-mails e relatórios até ensaios e redações acadêmicas (Dwivedi. Yogesh K. *et al.*, 2023). O crescente aperfeiçoamento da escrita gerada por IA, baseada em Processamento de Linguagem Natural (PLN)³ e algoritmos, nos leva a questionar até que ponto máquinas podem simular a criatividade e a intencionalidade humanas na linguagem. A capacidade de empregar estratégias textuais complexas, como a argumentação, levanta a questão: os textos gerados por meio da IA podem atingir níveis comparáveis aos de autores humanos, como sugere o teste de Turing⁴?

Com base nisso, refletimos nesta investigação sobre a argumentação construída em textos produzidos por chatbot, especificamente o ChatGPT. Utilizamos as noções de modalidades argumentativas de Amossy (2008) e a noção de texto e de referência

³ Processamento de Linguagem Natural (PLN) é uma área da inteligência artificial que estuda a interação entre computadores e a linguagem humana, buscando capacitar máquinas a compreender, interpretar e gerar textos ou falas de forma similar à comunicação humana.

⁴ Alan Turing, em 1950, propôs o chamado "Teste de Turing", um experimento projetado para avaliar a capacidade de uma máquina exibir comportamento inteligente indistinguível do de um ser humano. No teste, uma pessoa interage por meio de texto com um interlocutor sem saber se se trata de um humano ou de uma máquina. Se a máquina conseguir enganar o avaliador em uma proporção significativa das interações, ela é considerada capaz de "pensar" em termos práticos. A relevância do trabalho de Turing foi amplamente reconhecida, sendo retratada no filme *O Jogo da Imitação* (2014).

defendida por Cavalcante *et al.*, (2022), para demonstrar como se dá esse fenômeno em produções textuais realizadas por meio de IA.

Acreditamos que essa tecnologia pode auxiliar na construção de textos, considerando a criticidade do seu usuário e a ética envolvida nesse processo. A transparência do uso e a finalidade de realmente servir como auxílio na produção de textos deve ser discutida e ensinada para que seus usuários sejam mais honestos, e não percam a oportunidade de exercitar outras habilidades cognitivas importantes para o aprendizado humano.

Nossa reflexão é organizada em três partes. As duas primeiras, de natureza teórica, tratam, respectivamente, da argumentação no contexto da Linguística Textual (LT) e da elaboração de textos por meio de inteligência artificial. Na terceira, apresentamos uma análise de textos gerados pelo ChatGPT para observar as modalidades argumentativas ali instauradas. Com essa observação feita, iniciemos a discussão.

2. Linguística Textual e noção de argumentação para Amoss

A Linguística Textual investiga os fenômenos linguísticos que colaboram na elaboração de sentidos do texto. Uma vez que o objeto de estudo da LT é o próprio texto e, como bem afirma Cavalcante *et al.*, (2022), deve-se considerar o texto como um fenômeno multifacetado e bastante complexo. Essa complexidade implica uma necessidade de, vez por outra, buscar em outras áreas apoio para explicar essa construção da coerência, “desvendando” o que é autorizado pelo e no texto.

Importa destacar também o papel dos sujeitos neste evento de interação negociada. Cada enunciador é corresponsável pela (re) ativação dos sentidos do texto. Em outras palavras, para a LT, os sentidos não estão prontos, não preexistem no texto. Eles são construídos sempre no processo de interação.

Dito isso, podemos agora tratar de um entre os diversos fatores que influenciam a coerência: a argumentatividade presente em todos os textos. Sob esse tema, concordamos com Amossy (2011, p. 129) quando ela afirma que “*toda troca verbal repousa sobre um jogo de influências mútuas e sobre a tentativa, mais ou menos consciente e reconhecida, de usar a fala para agir sobre o outro*”. A autora propõe, de modo geral, que há um *continuum* de argumentatividade a ser observado, como graus de argumentatividade.

Apoiados na noção de argumentação proposta por Amossy (2011), acreditamos que há textos cujo propósito é claramente defender uma tese, apresentando marcas que orientam o coenunciador a compreender o raciocínio como lógico e, assim, aceitar a ideia proposta. Esses textos, classificados aqui como de visada argumentativa, revelam uma intenção explícita de expor a tese e convencer o interlocutor a aceitá-la. Esse tipo de texto, com foco argumentativo, pode ser identificado em protótipos nos quais predomina uma sequência argumentativa (Adam, 2019). No entanto, outros tipos de texto, como os de dominância narrativa ou explicativa, por exemplo, possuem naturezas distintas, e não seguem a organização clássica da argumentação (tese, argumentos, conclusão). Apesar disso, esses textos podem sim influenciar o leitor, ainda que não tenham como objetivo principal

argumentar. Nesses casos, e ainda fundamentados em Amossy, consideramos o que ela chama de dimensão argumentativa presente nos textos aqui analisados.

Para compreender melhor a diferença entre visada e dimensão argumentativa, vejamos os exemplos a seguir:

Exemplo 1: Trecho de redação nota mil de Maria Luiza Jannuzzi no Enem 2023

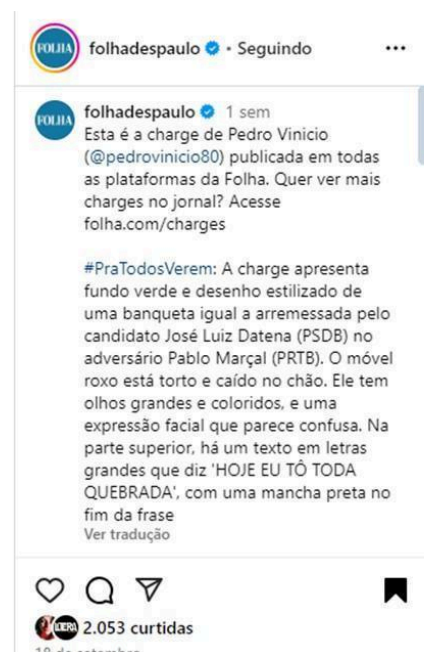
De acordo com a pensadora brasileira Djamila Ribeiro, o primeiro passo a ser tomado para solucionar uma questão é tirá-la da invisibilidade. Porém, no contexto atual do Brasil, as mulheres enfrentam diversos desafios para que seu trabalho de cuidado seja reconhecido, gerando graves impactos em suas vidas, como a falta de destaque. Nesse sentido, essa problemática ocorre em virtude da omissão governamental e da influência midiática.

Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/19/redacoes-nota-mil-do-enem-2023.g.html>. Acesso em 29. set. 2024.

Exemplo 2: Charge cadeira

FOLHA DE S. PAULO
charge

Pedro Vinicio



Fonte: <https://www.instagram.com>. Acesso em 29. set. 2024.

No primeiro texto (exemplo 1), observamos um trecho de um gênero prototipicamente argumentativo. O texto dissertativo-argumentativo, conhecido como redação do ENEM, tem em sua estrutura esperada, a constituição de uma argumentação estrategicamente planejada, partindo de uma tese que é sustentada por argumentos com o objetivo de convencer o interlocutor sobre a coerência das ideias ali apresentadas. Observamos as marcas operacionais

que são explicitadas por expressões que orientam a condução do raciocínio do leitor para convencê-lo de que a tese é verdadeira. Temos, pois, uma visada argumentativa, semelhante ao que pode ser também encontrado em artigos de opinião, editoriais, debates, etc.

Por outro lado, a charge de Pedro Vinício (exemplo 2), publicada pela Folha de São Paulo, constitui um gênero textual em que se espera uma reflexão, aqui apresentada em uma multissemiose verbo-visual, que remete a um episódio de violência política, o qual ganhou destaque no cenário nacional. A charge (exemplo 2) é composta por um texto verbal, em letras garrafais, na qual se lê “HOJE EU TÔ TODA QUEBRADA”, e a representação de uma banqueta torta, caída no chão, “humanizada” por meio de olhos expressivos e uma fisionomia que aparenta desorientação, como confirma a legenda verbal #ParaTodosVerem: “O móvel roxo está torto e caído no chão. Ele tem olhos grandes e coloridos, e uma expressão facial que parece confusa.”. Essa construção verbo-visual contrasta com a interação esperada para o evento em que deveria existir um debate político.

Observamos no exemplo 2 a escolha dos elementos visuais e verbais. Eles revelam uma estratégia argumentativa implícita e eficaz. Na charge, Pedro Vinício, de forma sutil, e não declarada, elabora uma crítica ao episódio político em que o então candidato Datena arremessa uma cadeira em seu adversário, Pablo Marçal, em um momento no qual deveriam debater propostas. A charge convida o espectador a refletir sobre a ausência, no debate público, de propostas governamentais, devido ao uso da violência física e verbal.

Nesse texto, percebemos claramente uma dimensão argumentativa como propõe Amossy (2018). Não há explicitamente, diferente do exemplo 1, uma tese com argumentos desenvolvidos com a intenção de persuadir o leitor. Mesmo assim, a argumentatividade do texto, o ponto de vista, são revelados. Nas palavras da autora:

As coisas apresentam-se, diferentemente, no caso da dimensão argumentativa, em que a estratégia de persuasão é indireta e, muitas vezes, não admitida. Ela aparece na verbalização que produz um discurso cujo objetivo declarado é outro e não o argumentativo: um discurso de informação, uma descrição, uma narração cuja vocação é contar o registro de uma experiência vivida em um diário de viagem ou um diário, um testemunho que relata o que o sujeito viu, uma conversa familiar em que os parceiros jogam conversa fora sem a pretensão de fazer triunfar uma tese etc. (Amossy, 2011, p.132)

Temos então a ideia, proposta por Amossy (2018), de que todo texto tem uma dimensão argumentativa, mas apenas alguns possuem visada argumentativa.

Outra contribuição importante de Amossy (2008) para nossa análise é a noção de modalidade argumentativa que, segundo a autora, revelam-se como “*tipos de trocas argumentativas que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como argumentação funciona tanto num quadro dialogal quanto num dialógico*” (Amossy, 2008, p. 232). Para Amossy, entre as diversas práticas de gêneros existem modos distintos de tentar influenciar o outro estrategicamente.

Cavalcante *et al.*, (2020, p. 44-46) apresentam as seis modalidades propostas por Amossy (2008) de forma bastante didática:

a) *Modalidade demonstrativa: ocorre quando o locutor busca a adesão dos interlocutores apresentando uma tese por meio de provas, como em artigos de opinião, debates eleitorais, redações do Enem, editoriais, entre outros. [...]*

b) *Modalidade pedagógica: é quando o locutor tenta transmitir um saber a um interlocutor que se coloca na posição de aprendiz, utilizando o diálogo ou a troca verbal “sobre a forma monogerida” (Amossy, 2008, p. 34). Exemplos disso podem ser encontrados em livros didáticos e em aulas. [...]*

c) *Modalidade patêmica: ocorre quando o locutor tenta suscitar emoções no interlocutor, como em apelos à ajuda humanitária, na defesa perante um júri, em poemas líricos, declarações de amor e textos de autoajuda. [...]*

d) *Modalidade por coconstrução: aqui, os participantes coconstruem a resposta para o problema levantado em conjunto. [...]*

e) *Modalidade negociada: ocorre quando os participantes, que sustentam posições divergentes, debatem sobre um problema que os divide, mas estão dispostos a chegar a um acordo por meio da negociação das divergências. Exemplos incluem audiências de conciliação, interações comerciais e assembleias para trocas de coordenadores. [...]*

f) *Modalidade polêmica: caracteriza-se pela confrontação violenta de teses antagônicas, na qual se tenta desacreditar o opositor e atingir um terceiro, que acompanha a interação à distância. [...]* (Cavalcante et al., 2020, p. 44-46)

Utilizamos essas modalidades para tentar explicar nossa questão norteadora que envolve a possível argumentação presente em um texto gerado por Inteligência Artificial (IA). Semelhante ao que pretendemos investigar, Silva e Silva (2024) analisaram como a intertextualidade se manifesta nesses textos, utilizando redações do ENEM geradas pelo ChatGPT como *corpus* de estudo. Para aquela pesquisa, Silva e Silva (2024) utilizaram Carvalho (2018) que propôs um quadro classificatório de intertextualidade dividido em amplas e restritas. Para Carvalho, as intertextualidades amplas são:

Dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjuntos de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos (CARVALHO, 2018, p. 81).

Já as intertextualidades restritas acontecem quando um determinado texto (ou vários textos) fonte podem ser recuperados no intertexto de forma original (copresença) ou modificada (derivação)⁵.

Na pesquisa de Silva e Silva (2024), os autores utilizaram *prompts* (comandos) para que a IA gerasse textos no formato da redação do ENEM, com comandos praticamente semelhantes aos que os candidatos recebem no caderno de redação. As descobertas desta pesquisa revelaram que os textos produzidos pelo ChatGPT apresentam tanto intertextualidade ampla quanto restrita. Isso significa que a IA consegue incorporar referências e elementos de outros textos de maneira variada e complexa. Além disso, foi observado que a qualidade e a profundidade das respostas do ChatGPT melhoram significativamente quando os *prompts* fornecidos são mais detalhados e específicos. Isso confirma o modo de “aprendizado” da máquina, que vai aperfeiçoando suas respostas a cada interação, tornando o texto mais próximo do que seria o produzido por um humano.

⁵ Leia mais em CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

A pesquisa de Silva e Silva (2024) recomenda como uma das possibilidades de pesquisas futuras um estudo sobre o uso da inteligência artificial como ferramenta relevante na escrita acadêmica. Uma proposta didática de utilização do ChatGPT como ferramenta de ensino para provocar o pensamento crítico durante as aulas de produção de texto seria também uma outra pesquisa a ser desenvolvida, uma vez que esta atividade didática proporcionaria uma reflexão sobre a argumentação presente nos textos gerados pela IA. Esse ponto é o que nos motiva: a argumentatividade é uma das habilidades humanas que a máquina está “aprendendo” a imitar. Mas até que ponto acontece essa imitação? Na seção seguinte, abordaremos o que de fato são inteligências artificiais, chatbots e *prompts* para que possamos concretizar nossas análises.

Ao abordar as modalidades argumentativas propostas por Amossy, destacamos que a autora focaliza a argumentação em relação ao discurso em seu estudo. Importa, para nós, a argumentação em relação ao texto, objeto de estudo da Linguística Textual. Por isso, para analisar as marcas textuais que evidenciam a argumentação presente no *corpus*, analisamos a referenciação elaborada, negociada ao longo do texto que analisamos. A noção de referenciação que adotamos é a proposta por Cavalcante *et al.* (2022). Para a autora, “a referenciação é provavelmente o critério mais central e mais profícuo da linguística textual porque se relaciona com os demais critérios analíticos do texto” (Cavalcante *et al.*, 2022, p.270). É ainda uma negociação de sentidos que se desenvolve em redes referenciais⁶, revelada exclusivamente em ação de interação, na qual os interactantes projetam seu dizer considerando o contexto.

Como se trata de uma negociação, a referenciação é, logicamente, uma estratégia que orienta o leitor para um propósito, seja implícito ou explícito, de argumentar. Daí associarmos as modalidades argumentativas à referenciação na pesquisa que aqui apresentamos.

Os referentes elaborados no texto passam a existir no texto/discurso por meio de processos referenciais (introdução, anáforas e dêixis), mas não exclusivamente pelo plano verbal. Na elaboração e reelaboração de referentes, a complexidade do fenômeno texto habilita o leitor e o autor a (re) elaborar os referentes também por meio de outras linguagens como o visual, o sonoro, etc.

Vejamos as definições propostas por Cavalcante et al (2022) para estes fenômenos:

Introdução referencial - existe quando as entidades aparecem no texto pela primeira vez, indicadas por elementos verbais e não verbais, integrados a conhecimentos individuais e coletivos[...] **Anáfora** - ocorre com a função de continuar uma referência, seja de modo direto, seja de modo indireto[...] **anáfora direta (correferencial)** - retoma um mesmo referente, o qual já foi introduzido no texto. **Anáfora indireta (não correferencial)**: não retoma um mesmo referente, pois introduz um outro referente associado indiretamente a outro ou outros já introduzidos no texto. Tais associações podem ser viabilizadas por pistas de toda natureza: por ligações semânticas entre os modos de expressão verbal, ou por evocações a conhecimentos compartilhados.[...] um modo de configurar um referente remetendo não a uma entidade pontualmente, mas a proposições. Esse fenômeno tem sido chamado de **encapsulamento**, em linguística textual. (Cavalcante et al. 2022p. 290-295. Grifos dos autores.)

⁶ Leia mais em Matos (2018).

Vejamos alguns exemplos:

Exemplo 3 Piada

O sujeito chega para o padre e pergunta:

- Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros?
- É claro que não, meu filho!
- Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer meu casamento.

(Piada, as melhores piadas de Casseta e Planeta, v. 4. In: Cavalcante, 2011, p.54)

Exemplo 4 Piada

A professora tenta ensinar matemática para o Joãozinho.

- Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...?

E o garoto:

- Contente!

(Piada, Coleção 50 piadas – Matemática, de Donaldo Buchweitz. In: Cavalcante, 2011, p. 55)

Cavalcante (2011) afirma que a distinção entre introduções referenciais e anáforas pode ser observada nos exemplos (3) e (4). No exemplo (3), há um caso típico de introdução referencial, onde os referentes, como "sujeito" e "padre", são apresentados pela primeira vez no cotexto, sem fazerem referência a qualquer elemento anterior no texto. Por outro lado, no exemplo (4), o termo referencial "garoto" está diretamente relacionado a "Joãozinho", estabelecendo uma continuidade e diferindo do processo referencial de (3), pois em (4) ocorre a retomada de um termo já mencionado. Esse é o primeiro critério adotado na elaboração do quadro classificatório dos processos referenciais: a menção no cotexto.

Poderíamos resumir esses dois grandes processos referenciais, fundamentados nesse critério de menção no cotexto, dizendo assim: há duas funções gerais das expressões referenciais: 1) introduzir formalmente um novo referente no universo discursivo; 2) promover, por meio de expressões referenciais, a continuidade de referentes já estabelecidos no universo discursivo. (CAVALCANTE, 2011, p. 59)

Apresentamos, a seguir, o exemplo de Cavalcante (2011, p. 60) para melhor ilustrar os casos de anáfora:

Exemplo 5- Piada

“O prefeito foi visitar o *hospício da cidade*. Chegando na *biblioteca*, percebe que tem *um louco*, de cabeça para baixo, pendurado no teto. Preocupado, comenta com o *diretor* do hospício:

- O que é que *esse louco* está fazendo no teto?
- *Ele* pensa que é um lustre.
- Mas é muito perigoso, ele pode cair e se machucar. Por que vocês não o tiram do teto?
- Mas e à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?

(Piada, Coleção 50 piadas – loucos, de Donaldo Buchweitz.)

No exemplo (5), Cavalcante (2011) destaca algumas anáforas para explicar a diferença entre a anáfora direta e indireta. Na piada são destacadas as palavras “esse louco” e “ele”, que retomam a expressão anterior “um louco”, demonstrando casos de anáfora direta que são assim chamadas por recuperarem completamente um referente já apresentando no cotexto.

Outro tipo de anáfora também classificado no exemplo (5) é a anáfora indireta. As expressões referenciais que se enquadram nesse conceito são: “a biblioteca”, associada numa relação metonímica a “o hospício da cidade”; além de outros casos como as expressões “o diretor” e “um louco”, também ligadas à expressão “o hospício da cidade”. Em outras palavras, estamos diante de um fenômeno em que uma expressão remete indiretamente, mas não retoma por completo um referente já anunciado no cotexto.

Cavalcante reporta-se ao grupo das anáforas encapsuladoras como um caso especial de anáfora. Segundo a autora, esse processo “não retoma nenhum objeto de discurso pontualmente, mas se prende a conteúdos espalhados pelo contexto”. (Cavalcante, 2011, p. 71). Alguns casos de encapsulamento podem ser encontrados no exemplo selecionado pela autora no texto a seguir:

Exemplo 6- Auto retrato, Luiz Paulo Kowalski

Em dezembro de 2005, aos 48 anos, o cirurgião Luiz Paulo Kowalski, do Hospital do Câncer, em São Paulo, um dos maiores especialistas em tumores de cabeça e de pescoço do país, descobriu por acaso um nódulo na parótida direita, uma das glândulas produtoras de saliva. A cirurgia para a retirada do tumor deixou o médico com parte do rosto paralisada. A experiência de enfrentar como paciente uma enfermidade na qual é especialista fez com que Kowalski mudasse radicalmente sua postura perante os doentes. “Minha doença me fez um médico melhor”, disse ele à repórter Adriana Dias Lopes.

Qual foi a principal lição que o senhor tirou de sua experiência?

Ganhei *uma obsessão*: ser absolutamente honesto com o paciente. Ou seja, não me limito mais a fazer um relato sobre a doença e seu prognóstico. O que *isso* significa? Se o doente corre o risco de ficar com paralisia facial depois de uma cirurgia, não digo apenas que ele poderá ter dificuldade para comer, como fazia antes. “Dificuldade para comer” é muito mais do que *isso*. O paciente não conseguirá segurar o alimento com os dentes. A comida vai ficar presa entre a gengiva e o lábio sem que ele perceba. Para o médico, *essas situações* tendem a ser banais. Mas não para o doente. Minha doença me fez um médico melhor. Aprendi a falar a linguagem do paciente.

Na prática, o que o paciente ganha com *isso*?

Segurança e tranquilidade. Faço de tudo para que o paciente não seja pego de surpresa. Claro que nem todo paciente quer saber de tudo – e eu percebo e respeito *esse limite*. Mas, para a maioria, falar a verdade é sinal de respeito. Certa vez, uma vítima de câncer na língua me perguntou se, depois da retirada do tumor, poderíamos fazer a reconstrução do órgão. Antes eu teria dito simplesmente que sim. De fato, fazemos a

reconstituição – mas não aquela imaginada pelo paciente. A sensibilidade da língua, por exemplo, jamais é recuperada. Hoje gasto o tempo que for necessário para informar o doente. Minhas consultas têm espera média de duas horas. E ninguém reclama.(...)

O senhor ficou um ano com paralisia facial e até hoje tem algumas sequelas. Como foi sua recuperação? Uma semana depois da cirurgia eu já estava trabalhando. Fiz um ano de sessões diárias de fisioterapia. Foi muito difícil. O que ajudou na minha recuperação foi o apoio da minha mulher e das minhas filhas. Senti na pele como é importante o conforto das pessoas queridas. Hoje, quando entro num quarto e encontro meu paciente rodeado por parentes e amigos, acho ótimo. Passei a tolerar mais as visitas.

Fonte: Cavalcante (2011, p. 71-72). (grifos da autora)

No exemplo (6), a autora considera a expressão “uma obsessão” como uma antecipação e resumo do conteúdo da oração que a segue: “ser absolutamente honesto com o paciente”. Neste caso de anáfora, Cavalcante (2011, p.73) afirma que não é possível dizer que a expressão referencial “uma obsessão” remeta pontualmente a um referente específico do cotexto. O que acontece é “uma recuperação difusa de informações e que este é o traço mais típico das anáforas encapsuladoras; é o que lhes confere o caráter de anáfora também indireta: ser não correferencial e ter um poder de resumir informações cotextuais e contextuais”.

Da mesma forma que ocorre nas anáforas indiretas, as anáforas encapsuladoras não são correferenciais. Elas são caracterizadas pela menção a um objeto de discurso ainda não citado no cotexto, por isso se assemelham aos casos de anáfora indireta. O que diferencia e coloca limites entre as indiretas e as encapsuladoras é que estas além de apenas remeter e não retomar, resumem, “encapsulam”, porções textuais, não retomam referentes pontuais.

Outro fenômeno referencial importante para a construção de sentidos no texto é a recategorização. Vejamos um exemplo:

Exemplo 7 - O professor na sala de aula

(...) **O professor** na sala de aula é primeiramente um observador de questões como: o que os alunos devem aprender, quais as suas solicitações, que materiais escolhem preferencialmente, que conhecimento têm de arte (...)

Antes da aula:

1 O professor é um pesquisador de fontes de informação, materiais e técnicas;

1 O professor é um apreciador de arte, escolhendo obras e artistas a serem estudados;

1 O professor é um criador na preparação e na organização da aula e de seu espaço;

1 O professor é um estudioso da arte, desenvolvendo seu conhecimento artístico;

1 O professor é um profissional que trabalha junto com a equipe da escola. (...)

Fonte: Cavalcante, 2022, p 292(grifos dos autores).

Neste exemplo, os autores chamam a atenção para a construção e reconstrução do referente introduzido pela expressão referencial *o professor*; logo na primeira linha do texto. Diferente do que acontece na maioria dos textos, o referente foi retomado por uma expressão anáfora que repete o termo. No entanto, essa expressão referencial vai, estrategicamente, além de simplesmente repetir a referência “o professor”. A expressão anafórica retoma diretamente o referente e, ao mesmo tempo, faz uma transformação, uma recategorização. O

referente apesar de ser retomado pela mesma expressão referencial, vai ao longo do texto sendo transformado, pois novos sentidos são acrescentados pelas informações adicionais que o remodelam, recategorizam o professor, acrescentando novas informações sobre ele.

O fenômeno da recategorização pode acontecer concomitante às anáforas, e inclusive nas introduções referenciais, como Silva (2013) afirma em sua tese. Por meio das recategorizações nas anáforas, é possível acrescentar pontos de vista e valores ao referente. Sobre isso, Cavalcante e Brito (2016) afirmam que a recategorização é uma tendência natural dos referentes que se continuam no texto.

Nesta pesquisa, não focaremos em descrever detalhadamente esses processos encontrados na construção de referentes no corpus, mas essas categorias de análise são importantes por revelar as marcas que demonstram a argumentação no texto. Na seção seguinte, apresentamos nossas análises.

3. O ChatGPT e a importância dos *prompts* para a inteligência artificial

Em novembro de 2022, a empresa OpenAI apresenta para o mundo uma nova tecnologia capaz de, entre outras coisas, gerar textos com base em comandos de seus usuários. Nesse momento, o termo inteligência artificial passou a ser utilizado e popularizou-se na mesma velocidade com que as informações circulam dentro do ambiente digital. Essa novidade causou estranheza e medo por parte de vários profissionais. Nosso interesse recai particularmente sobre o universo acadêmico, onde muitos estudantes têm potencializado a escrita de textos com o auxílio do ChatGPT, um "parceiro" tecnológico que vem transformando a forma como produzem conteúdo.

Para esta pesquisa, replicamos a metodologia de Silva e Silva (2024). Os autores solicitaram ao ChatGPT que elaborasse uma redação do ENEM, seguindo um *prompt*, como veremos a seguir. Antes disso, os autores sugerem os elementos que normalmente são utilizados na elaboração dos *prompts*: primeiro, é necessário indicar uma “persona” que a IA deverá assumir para imitar o estilo. Outro ponto é o contexto de produção. Quanto mais explícito, melhor a resposta (Silva e Silva, 2024). O terceiro aspecto importante na elaboração de *prompts* é o objetivo do gênero e o próprio gênero. Por fim, deve-se orientar a IA sobre o tipo de linguagem a ser empregado.

Vejamos a execução de um *prompt*:

Figura 1 - Prompt para gerar redação do ENEM

- Olá, você é um candidato a uma vaga para a universidade no Brasil e está escrevendo uma redação para

o ENEM. Elabore uma redação sobre “Desafios para o Enfrentamento da Invisibilidade do Trabalho de Cuidado Realizado pela Mulher no Brasil”.

Fonte: Silva e Silva, 2024, p. 259

Com este comando, os autores receberam da máquina o seguinte texto:

Figura 2 - Redação do ENEM gerada por ChatGPT

Título: Desafios na Visibilidade do Trabalho de Cuidado Feminino no Brasil

Introdução

A invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres no Brasil é um desafio que persiste ao longo dos anos, apesar dos avanços sociais e econômicos. Esse tipo de trabalho, muitas vezes não remunerado e subestimado, desempenha um papel fundamental na manutenção do tecido social e na economia do país. Nesta redação, discutirei os principais desafios enfrentados para enfrentar essa invisibilidade e destacarei a importância de reconhecer e valorizar o trabalho de cuidado feminino.

Desafios na Visibilidade do Trabalho de Cuidado Feminino

Um dos principais desafios é a naturalização do papel da mulher como cuidadora. Desde cedo, as meninas são socializadas para assumir responsabilidades domésticas e de cuidado, enquanto os meninos são encorajados a buscar outros tipos de atividades. Essa divisão de papéis perpetua a ideia de que o trabalho de cuidado é inerente à feminilidade, tornando-o menos valorizado e reconhecido.

Além disso, a falta de políticas públicas adequadas contribui para a invisibilidade do trabalho de cuidado. A ausência de creches e serviços de cuidado infantil acessíveis e de qualidade, por exemplo, coloca uma carga desproporcional sobre as mulheres, que muitas vezes são forçadas a deixar de trabalhar ou a reduzir suas horas de trabalho para cuidar de suas famílias. Isso resulta em menor participação das mulheres no mercado de trabalho formal e em menos oportunidades de ascensão profissional.

Outro desafio é a falta de reconhecimento econômico do trabalho de cuidado não remunerado. Esse tipo de trabalho inclui tarefas como limpeza, cozinha, cuidado de crianças, idosos e pessoas com deficiência, e é essencial para o funcionamento da sociedade. No entanto, como não é realizado no âmbito do mercado formal, não é contabilizado nos indicadores econômicos tradicionais, o que leva a uma subestimação de seu valor.

Importância do Reconhecimento e Valorização do Trabalho de Cuidado Feminino

Reconhecer e valorizar o trabalho de cuidado feminino é fundamental para promover a igualdade de gênero e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso envolve a redistribuição do trabalho de cuidado entre homens e mulheres, bem como o reconhecimento do valor econômico e social desse trabalho.

Ao valorizar o trabalho de cuidado, podemos contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero no mercado de trabalho, promovendo a participação econômica das mulheres e garantindo que elas tenham oportunidades iguais de desenvolvimento profissional e pessoal. Além disso, o reconhecimento do trabalho de cuidado pode contribuir para a redução da pobreza e da desigualdade social, uma vez que muitas mulheres que realizam esse tipo de trabalho estão em situação de vulnerabilidade econômica.

Conclusão

Em suma, os desafios para enfrentar a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres no Brasil são significativos, mas não insuperáveis. É fundamental implementar políticas públicas que promovam a igualdade de gênero e o reconhecimento do valor do trabalho de cuidado, bem como desafiar as normas de gênero que perpetuam a divisão desigual do trabalho. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual o trabalho de cuidado seja verdadeiramente valorizado e reconhecido.

Fonte: Silva e Silva, 2024, p. 260

Inicialmente, é importante destacar que essa redação foi gerada por IA, sob a supervisão humana, por meio de um comando (prompt). Essa operação inicial pode, conforme Silva e Silva (2024) oferecer respostas diferentes a cada vez que o comando é dado, e a depender da estrutura utilizada no prompt. Como não pretendemos realizar uma exaustiva análise quantitativa para verificar ocorrências lexicais que apontem para a argumentação nos textos gerados, fizemos a análise de um *corpus* que foi gerado anteriormente em outra pesquisa que visava analisar a intertextualidade presente em textos gerados nesse contexto de produção. Logo, caso o usuário da IA repita esse mesmo prompt, receberá como resposta um outro texto, mantendo as mesmas características composicionais do gênero solicitado.

Partindo da proposta de *continuum* de argumentatividade, de Amossy (2018), percebemos, como já previsto para o gênero, uma visada argumentativa, na qual o chatbot

(IA), à luz de um *prompt* específico e similar ao comando dado ao candidato ao ENEM, articula uma argumentação desenvolvida explicitamente para defender uma tese. O propósito, nesse gênero textual, é convencer o leitor de que o raciocínio é pertinente e demonstra um conhecimento da língua, do gênero, de um repertório sociocultural produtivo e de elementos coesivos que estabelecem no e pelo texto uma coerência que convence.

A estrutura argumentativa do texto apresentado na figura 2 é explícita e bem organizada, conectando os pontos de maneira coesa para sustentar a tese principal. A introdução apresenta a tese sobre a invisibilidade do trabalho de cuidado feminino e sua importância. No desenvolvimento, os argumentos são expostos de maneira estruturada, começando pela naturalização do papel da mulher, seguido pela falta de políticas públicas e, finalmente, pela falta de reconhecimento econômico. A conclusão reforça a necessidade de reconhecer e valorizar o trabalho de cuidado feminino para promover a igualdade de gênero e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa estrutura coesa e lógica assegura que cada argumento apoia a tese central, apesar de possuir um desenvolvimento vago e repetitivo, sem um repertório sociocultural produtivo.

As marcas das estratégias de textualização típicas do gênero foram indicadas pelos elos coesivos: além disso, em suma, um dos desafios, outro desafio, no entanto, etc. Essa condução realizada pela IA na elaboração de um texto condiz com o propósito do texto que é o de buscar a adesão do interlocutor de forma racional e estratégica.

É importante observar que o *prompt* da figura 1 não destaca todos os elementos necessários para uma resposta mais completa. Ainda assim, o texto gerado como resposta ao comando fornecido à máquina se aproxima ou pelo menos imita o “modelo” esperado para o gênero textual, exceto pelos subtítulos dividindo as seções. Encontramos ali a modalidade demonstrativa, evidenciada pela tentativa de convencer o leitor de que aquele raciocínio é verdadeiro e com os argumentos elencados ele cumpre seu papel, seu propósito comunicativo de argumentar.

Destacamos a argumentação apresentada pela IA como resposta dada ao *prompt*. Nela, a construção do texto se constitui similar aos textos produzidos por humanos na mesma situação comunicativa. Essa semelhança vai além do elemento composicional do gênero. As escolhas lexicais, o estilo de escrita, tudo colabora para que a “imitação” e o cumprimento do comando dado fossem aceitos pelo usuário da IA como uma resposta adequada para o comando.

Além da argumentação explícita presente no discurso, nota-se a construção referencial no texto (figura 2), e já no título, "Desafios na Visibilidade do Trabalho de Cuidado Feminino no Brasil", são introduzidos cinco referentes que serão retomados ao longo do texto. Diferente do que se espera encontrar nesse gênero textual produzido no ENEM, a IA divide o texto em tópicos intitulado: introdução, Desafios na visibilidade do trabalho de cuidado feminino, Importância do reconhecimento e valorização do trabalho de cuidado feminino, conclusão. De modo geral, observamos um excesso de repetições da expressão referencial “mulheres” (anáforas diretas), com uma mudança de expressão anafórica (meninas) que é rapidamente apagada com a ideia reforçada pela repetição de “mulheres” ao longo do texto.

Diferente do exemplo 7, o texto analisado na figura 2 não utiliza a repetição do termo (anáfora direta) associada a um acréscimo de informações (recategorização), o que poderia ser positivo e estratégico para a argumentação. Avaliamos esse aspecto como negativo, em relação ao “repertório linguístico” apresentado pela máquina, que poderia explorar melhor o vocabulário presente na língua materna, com intenções de argumentar de forma mais marcada no texto. Da mesma forma, os outros referentes marcados no título são retomados anaforicamente por repetição de termos, sem recategorizações ao longo do texto, o que (caso acontecesse), revelaria uma estratégia de orientação argumentativa explícita.

Dessa forma, podemos perceber que o chatbot pode gerar textos que correspondem aos protótipos esperados para o gênero solicitado, como as redações do ENEM, com tese e argumentos bem definidos. Esses resultados mostram que a inteligência artificial generativa é capaz de imitar os padrões fundamentais de argumentação, apesar de algumas limitações quanto ao seu repertório vocabular e sociocultural. Em outras palavras, mesmo que a IA possa construir argumentos logicamente coesos, seu vocabulário ainda não se iguala ao de um candidato considerado nota 1000 na redação do ENEM.

4. Considerações Finais

Nesta investigação, nosso propósito de analisar a argumentação presente em textos gerados por IA generativa foi realizado considerando o pressuposto de que a argumentação está presente em todos os textos, seja de forma mais explícita, seja de forma mais implícita. Considerando as modalidades argumentativas propostas por Amossy (2018), identificamos a ocorrência da modalidade demonstrativa, como esperado para o gênero analisado: a redação do ENEM gerada por IA. Com uma estrutura composicional organizada em volta de uma tese, o texto analisado imita uma redação prototípica de um texto dissertativo-argumentativo, elaborado em contexto do ENEM.

Evidenciamos, por meio de uma análise dos processos referenciais existentes na redação observada, que a IA generativa ainda não consegue imitar o repertório sociocultural produtivo comum às redações nota 1000 nesse contexto, limitando-se a uma argumentação generalizante e com bastante repetições de palavras, facilitando assim o seu reconhecimento como texto dissertativo produzido por IA. Sabemos que textos elaborados por humanos também apresentam essas características.

Os resultados encontrados durante a realização da pesquisa indicam que, apesar da IA conseguir reproduzir aspectos estruturais da argumentação dissertativa, ela necessita de profundidade argumentativa e de um repertório cultural mais “humano”, isto é, vivências, o que a limita em contextos que exigem maior originalidade e conhecimento de mundo.

Por fim, sugerimos que pesquisas futuras explorem como as IAs podem ser aperfeiçoadas para produção de textos com maior variedade argumentativa e menos repetições, além de investigar a influência dos repertórios culturais na qualidade dos textos gerados. Essas investigações podem contribuir para o avanço das tecnologias de IA na escrita acadêmica, no ensino e na produção de textos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. *In*: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1, p. 231-254.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A - **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p.129-144, nov.2011
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coord. de trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Trad. Ângela M. S. Corrêa *et al.*, II. São Paulo: Contexto, 2018.
- BATES, T. *et al.* Can artificial intelligence transform higher education? **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, v. 17, p. 1-12, 2020.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In*: AQUINO, Z. G. O. de; GONÇALVES SEGUNDO, P. R. (orgs.) **Estudos do discurso, caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. p. 119-133.
- CAVALCANTE, M. M; *et al.* **Linguística textual e argumentação**. Campinas: Pontes, 2020.
- CAVALCANTE, M. M; *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.
- DWIVEDI, Y. K. *et al.* So what if ChatGPT wrote it?" Multidisciplinary perspectives on opportunities, challenges and implications of generative conversational AI for research, practice and policy. **International Journal of Information Management**, 71,2023.
- SILVA, Franklin Oliveira. **Formas e funções das introduções referenciais**. 2013. 127f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013.
- SILVA, F.S.P.; SILVA, F. O. Relações intertextuais em textos produzidos por inteligência artificial. *In*: João Benvindo de Moura; Maraisa Lopes; Max Silva da Rocha; Patrícia Rodrigues Tomaz. (Org.). **A língua além das palavras: trajetórias teóricas e analíticas**. 1 ed.Teresina: Pathos, 2024, v. 1, p. 252-266.